

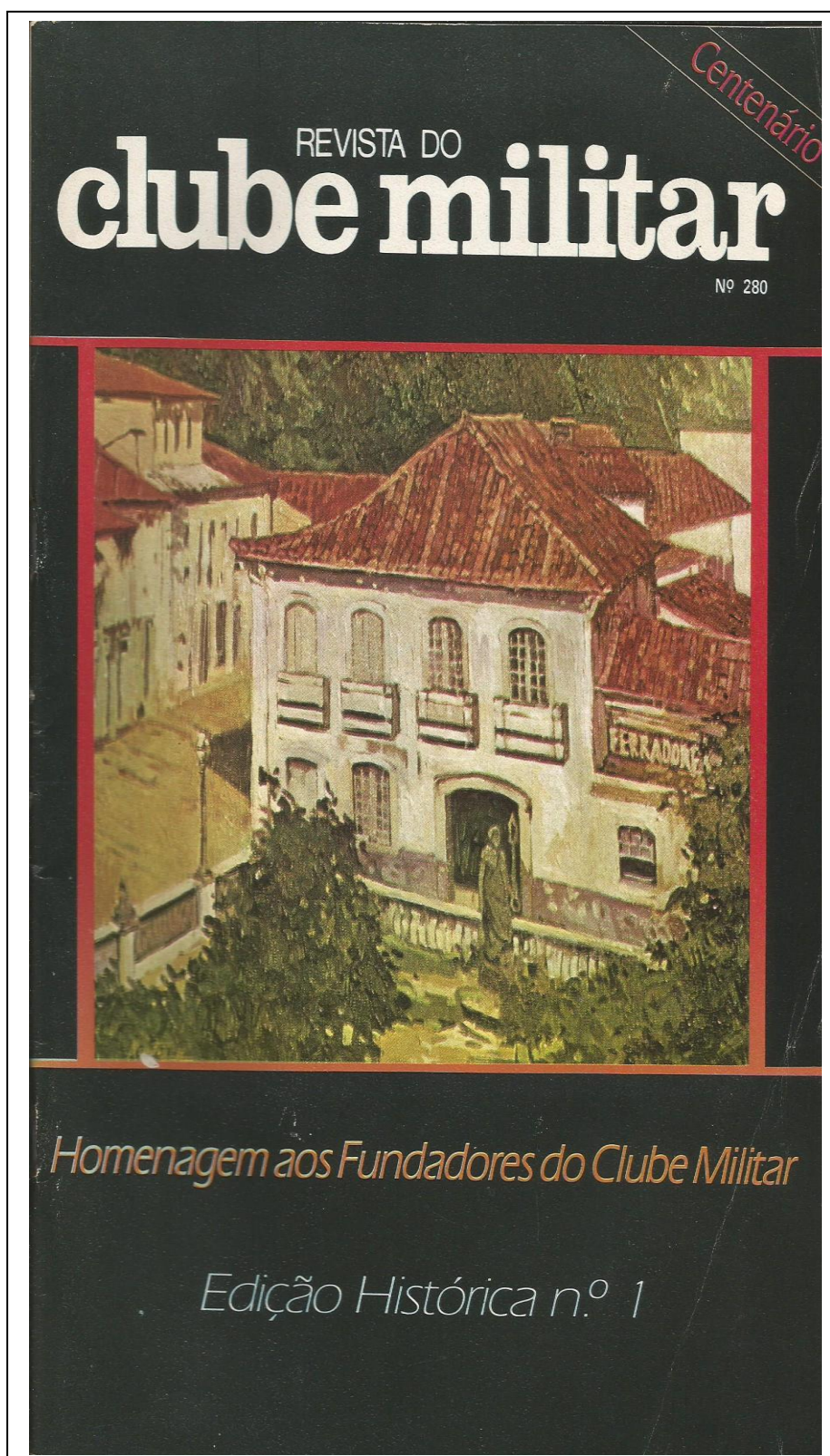
O CLUBE MILITAR E A ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro e Sorocaba. Foi o 3º vice presidente do IEV no seu 13º Encontro do IEV em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras.É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História,sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra.No Centenário do Clube Militar em 1987,foi seu Diretor Cultural e de sua Revista, quando dirigia o Arquivo Histórico do Exército. Foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980.

Materia digitalizada da Revista do Clube Militar,nº 280,páginas43/44, para disponibilizá-s em Livros e Plaquetas, no site da FAHIMTB www.ahitb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB,doado a AMAN em Boletim Interno para integrar o programa Pérgamo de bibliotecas do Exército



Capa da revista nº 280, onde figura o sobrado sede do Clube Naval, onde, em 27 de junho de 1887 foi fundado o Clube Militar. Pintura de Newton Coutinho, com apoio em foto do Arquivo de Gilberto Ferrez, localizada pelo Professor Guilherme Andréia Frota Professor de História do Colégio Naval

O Clube Militar e a Abolição

Cel QEMA Claudio Moreira Bento

É consenso entre a maioria de nossos historiadores, o fato de que a vitoriosa 1ª Batalha dos Guararapes, em 19 de abril de 1645, despertou o espírito da nação brasileira e de suas Forças Armadas. Para este momento basilar da nacionalidade, concorrem com sacrifícios, sangues, vidas e heroísmos, brancos, negros, índios e demais brasileiros resultantes da fusão destas três raças. Assim, destacaram-se e se immortalizaram na memória e gratidão nacionais, o negro - Henrique Dias, o índio Felipe Camarão, o mestiço André Vidal de Negreiros e os brancos Fernandes Vieira e Dias Cardoso.

Em jan 1821, tendo como palco o Campo de Santana e catalizador o Quartel do Campo de Santana — o atual Palácio Duque de Caxias, ocorreu o nascimento, de fato, do Exército Brasileiro e do Brasil independente. Então, ao comando do Tenente General Francisco Xavier Curado, o povo e tropas de milícias se aglutinaram em torno da tropa de linha, hoje projetada nas unidades históricas que ali estiveram presentes: O Sampaio, o Avaí, os BI de Florianópolis e Joinville, os Dragões da Independência, de Brasília, e o Regimento Mallet, de Santa Maria-RS. O móvel da histórica união foi para garantir a permanência do príncipe D. Pedro no Brasil e obrigar a tropa de Portugal, ao comando de Avilez, a deixar o Brasil — o que foi conseguido, sob pressão. Foi o Dia do Fico!

Foi este histórico fato, no Campo de Santana, o resultado da vontade de representantes das três raças e suas combinações, por miscigenação, em patriótica confraternização. Ilustra a participação do negro, nos pródromos da Independência, nela própria e em sua consolidação, uma gravura de Debret publicada na **História do Exército Brasileiro. Perfil militar de um povo**, editada pelo Estado-Maior do Exército, em 1972, e que figura em seus três volumes, logo atrás de ambas as capas.

Já no final da Revolução Farroupilha, o então Barão de Caxias, contrariando orientação superior e pressões de escravocratas e sob a inspiração de sentimentos cristãos, de justiça e humanidade, e mais, os de autêntica brasilidade, sustentou o cumprimento da cláusula 4 da Paz de Ponche Verde, que devolveu a paz à família brasileira, perdida por 13 longos e sofridos anos:

"São livres e como tais reconhecidos todos os cativos que serviram à Revolução".

Referia-se especificamente a integrantes do Corpo de Lanceiros Negros farroupilhas(vide ilustração que lhe foram entregues, em número de duzentos, e por ele integrados, como adidos, aos regimentos de Cavalaria Ligeira da Província do Rio Grande do Sul.

Muitos deles prestaram relevantes serviços de guerra, inclusive, ao comando do intrépido Ten Cel Manoel Luis Osorio, em Monte Caseros (2 fev 1852), integrando o 2º Regimento de Cavalaria Ligeira, de atuação assinalada, então. Antes da Paz de Ponche Verde, que pôs fim à Revolução Farroupilha, e na Assembléia Constituinte da República Rio-Grandense, em 1842, em Alegrete, o Cel José Mariano de Mattos, como líder da maioria, apresentou projeto de abolição da escravatura na citada República, o qual foi rejeitado pela minoria. José Mariano era o único oficial farrapo presente, formado integralmente pela Academia Militar do Largo de São Francisco. Foi presidente interino e ministro da Guerra farrapo por duas vezes. Mais tarde chefiou o Estado-Maior de Caxias, na guerra contra Oribe e Rosas e foi ministro da Guerra do Império, em 1864. Era mulato e natural do Rio de Janeiro, contemporâneo de Caxias na Academia Real Militar e com Caxias lutou pela consolidação da Independência na Bahia, em 1824.

Da leitura da obra do mercenário Eduardo Siber sobre a guerra contra Oribe e Rosas, conclui-se do carinho, apreço e atenção que Caxias dispensava a seus soldados, assim referidos por aquele estrangeiro: **"como os companheiros e amigos negros, brunos**

(mestiços) e amarelos" de Caxias. Isto, por este visitá-los informalmente nos acampamentos, zeloso por seu bem-estar e pelo cuidado que teve de, antes de deixar o comando (muito doente por sinal), visitá-los e agradecer-lhes pelo valioso concurso à vitória. Siber, desejando fazer uma crítica a Caxias, em realidade fez-lhe um elogio insuspeito.

Já em plena Guerra do Paraguai, Caxias devolveu escravos enviados para a guerra em lugar de seus amos. O Marechal Câmara, durante a Questão Militar, de sua tribuna no Senado denunciou a hipocrisia de ricos senhores, que recebiam honrarias, sob a forma de títulos do Império e comendas, pelo envio de seus escravos para o esforço de guerra. Na realidade, segundo denunciou, os senhores enviavam o que de pior havia nas senzalas do Sudeste, e seus doadores, insensíveis aos sentimentos de patriotismo e humanidade, foram apresentados como heróis aos olhos da sociedade.

Ainda neste contexto, o grande Joaquim Nabuco escreveu com grande conhecimento e autoridade:

"Foi nas camadas mais necessitadas da população, de descendentes de escravos em sua maior parte, nestas mesmas que a escravidão condena à dependência e à miséria, entre trabalhadores analfabetos, cuja emancipação se adiou indefinidamente, que se sentiu bater o coração de uma nova Pátria. Foram elas que produziram os soldados dos Batalhões de Voluntários da Pátria".

Os militares Alfredo de Taunay e Dionísio Cerqueira, testemunhas, atores e cronistas da Guerra do Paraguai, ressaltaram o valor como soldados e camaradas dos negros e seus descendentes, e se referem a muitos, com os quais mantiveram contato, com o maior carinho, estima e apreço. Dionísio Cerqueira dedicou as últimas palavras de seu clássico **Reminiscências da Guerra do Paraguai**, ao seu grande e bravo amigo—o negro Antônio Faustino.

Segundo Tasso Fragoso, foram libertados 4.749 escravos, para ingressarem no Exército, na Guerra do Paraguai. A propósito, frisou: ***"Isto, antes de ser uma humilhação para o Exército, resultou em a instituição tornar-se a maior aliada da população negra e mulata, escrava, com vistas à sua emancipação total".***

Foi ao término da Guerra do Paraguai que, na Loja Maçônica Fé, em Assunção, integrada por oficiais brasileiros, foi exigido do Visconde do Rio Branco medidas efetivas visando à Abolição, do que resultou a Lei do Ventre Livre, por ele defendida com veemência na tribuna parlamentar.

O sentimento abolicionista que soprou dos campos de batalha do Paraguai foi ganhando corpo. Em Fortaleza, o heróico General Tibúrcio Ferreira de Souza se engajou no processo. Sena Madureira recebeu, na Escola de Tiro de Campo Grande, jangadeiros que tiveram ação destacada no Ceará, na libertação antecipada dos escravos. Benjamin Constant foi o maior adversário do trabalho servil. Posições semelhantes se observaram em outros membros da 1ª Diretoria e Corpo Social do Clube Militar, em 1887-88.

Segundo se conclui de estudos do Gen Aurélio Lyra Tavares, foi no Exército e na Marinha, como militar, que o negro encontrou um status mais digno e a melhor alternativa para escapar à situação servil, maior realização e maior confiança da sociedade, ao lhe serem confiadas armas para a defesa desta mesma sociedade.

Todos os antecedentes aqui apresentados como amostragem criaram o . clima e o momento ideais para que o Clube Militar, em 26 out 1887, quando completava quatro meses de existência, enviasse a seguinte petição à princesa Isabel. Petição eloquente por si só e que dispensa comentários. Dela, transcrevemos, com grafia atualizada, os seguintes trechos:

"Senhora! Os oficiais, membros do Clube Militar, pedem a Vossa Alteza Imperial vénia para dirigir ao Governo Imperial um pedido, que é antes uma súplica.. .

.. .Esperam que o Governo Imperial não consinta que nos destacamentos do Exército, que seguem para o interior, com o fim, sem dúvida, de manter a ordem, tranquilizar a população e garantir a inviolabilidade das famílias, os soldados sejam encarregados da captura

de pobres negros, que fogem à escravidão, ou porque vivam já cansados de sofrer os horrores, ou porque um raio de luz da liberdade lhes tenha aquecido o coração e iluminado a alma.

Senhora! A liberdade é o maior bem que possuímos sobre a terra; uma vez violado o direito que tem a personalidade de agir, o homem, para reconquistá-lo, é capaz de tudo: de um momento para outro, ele que dantes era um covarde, torna-se um herói; ele, que dantes era a inércia, se multiplica e se subdivide, e, ainda mesmo esmagado pelo peso da dor e das perseguições, ainda mesmo reduzido a morrer, de suas cinzas renasce sempre mais bela e mais pura a liberdade.. .

. . .Impossível, pois, Senhora, esmagar a alma humana que quer ser livre.

Por isso, os membros do Clube Militar, em nome dos mais santos princípios da humanidade, em nome da solidariedade humana, em nome da civilização, em nome da caridade cristã, em nome das dores de Sua Majestade, o Imperador, vosso augusto Pai cujos sentimentos julgam interpretar e sobre cuja ausência choram lágrimas de saudades, em nome do vosso futuro e do futuro de vosso filho, esperam que o Governo Imperial não consinta que os oficiais e as praças do Exército sejam desviados da sua nobre missão. Eles não desejam o esmagamento do preto pelo branco e não consentiriam também que o preto, embrutecido pelos horrores da escravidão, conseguisse garantir a sua liberdade esmagando o branco.

Cel Cláudio Moreira Bento.Coordenador da Revista do Centenário (Convidado para fazer o presente artigo, por não ter apresentado o trabalho o historiador convidado para esta missão

Contribuíram com artigos para esta revista na ordem em que nelas aparecem os seguintes historiadores:Gen Jonas Correia Filho,Américo Jacobina Lacombe,Vicente Tapajós,Gen Humberto Peregrino,Cel Claudio Moreira Bento, Vice Almirante João Prado Maia,Cel Fernando Maya Pedrosa, Professor Guilherme Andréa Frota, Cel Claudio Moreira Bento, Cel Amerino Raposo Filho,Cel Helber de Melo Henriques,Capitão de Mar-e-Guerra , FN Dino Willy Cozza,Maj Eng Genino Jorge Cosendey,Professor Antônio Pimentel Winz,Cel Claudio Moreira Bento,Gen Div Francisco de Paula Azevedo Pondé,Cel Med. Alberto Marins da Silva,Cel Claudio Moreira Bento,General Morivalde Calvet Fagundes,Cel Asdrubal Esteves,Claudio Moreira Bento, como Diretor da Revista,Cel Francisco Ruas Santos. Esta Revista obra coletiva resgatou a História da Fundação do Clube Militar.

Nota aparece meu nome 4 vezes como autor, na condição de Presidente da Revista e seu coordenador

Lanceiro negro farroupilha, soldado dos dois corpos de Lanceiros do Exército de 1ª linha da República Rio-Grandense.Aquarela de Cilka Silva

